Revista

avessa

nº 20

Java Corp

B. Craus Nantai

Autores

Lucas Nangi
Daniela Genaro
Rafael D'Abruzzo
Flávio Junkes
H. Pueyo
Glacy Machado
Michel Peres
Sigridi Borges

Equipe

Editora-chefe
Mayara Barros

Conselho Editorial
Claudia Bianco
Mayara Barros
Vitória Pratini
Adeval de Andrade

Projeto Gráfico
Claudia Bianco
Marcelle Andrade
Mayara Barros
Victor Vicente
Vitória Pratini

Jornalistas
Claudia Bianco
Marina Brandão
Mayara Barros
Vitória Pratini

Colunistas
B. Craus Nantai

Capa
Mayara Barros

Revisão
Claudia Bianco

Contato
contato@revistavessa.com
www.revistavessa.com

Fone: (21) 992335745
Facebook: /revistavessa
Twitter: @RevistaAvessa

A revista Avessa é uma iniciativa independente de graduandos do curso de Jornalismo da UERJ. Os textos divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não necessariamente refletem a opinião da revista. Não é permitida a reprodução dos artigos e textos aqui publicados.

Nº 20 Abr/Mai/Jun 2019

Editorial

Bem-vindos de volta! Essa é a nossa primeira edição de 2019! No tempo que ficamos longe, fizemos algumas mudanças. Já falamos sobre no nosso site e redes sociais, mas não custa repetir: a Revista agora é trimestral e, com o intuito de publicar textos de melhor qualidade, agora publicamos menos contos e poemas.

A maior diferença é que, a partir de agora, os textos selecionados passam por um trabalho de edição e revisão antes da publicação. Por que não fazíamos isso antes? Simples, éramos iniciantes, ainda estávamos aprendendo como esse mundo funcionava.

Isso não quer dizer que somos experts agora, apenas que o tempo dedicado a revista na primeira fase permitiu que percebessemos a necessidade de realizar esse trabalho mais cuidadoso. Ainda temos muito que aprender e esperamos que continuem conosco nesse caminho!

Mayara Barros
Editora-chefe

7 prosa
Anna
Lucas Nangi

14 poesia
Caminho
Daniela Genaro

15 prosa
O Portal
Rafael D'Abruzzo

23 poesia
K
Flávio Junkes

25 coluna
Java Corp
B. Craus Nantai

Perseu em Duas Rodas
H. Pueyo 29 prosa

O Leito do Rio
Glacy Machado 37 poesia

Portão de Embarque para Lugar Nenhum
Michel Peres 39 prosa

Sim, o Outono
Sigridi Borges 47 poesia

Anna

— O horizonte está chorando – murmurou Benjamin, apertando o leme com mais força após ouvir a transmissão no rádio. Agora havia apenas estática e sentiu seu coração apertar quando não conseguiu retornar o chamado.

Buscou controlar a respiração diante do titânico manto de escuridão que cobria o mundo algumas milhas adiante. Um breu pesado que emitia o trovejar da tempestade que se avizinhava. Alguns raios rasgaram brevemente as sombras naquele céu aterrorizante Como avisos luminosos e mortais, pareciam alertar Benjamin de que a tempestade o devoraria se não fosse embora.

"Será esse o caminho para Deus visitar sua criação?", pensou e suas pernas entorpeceram perante o medo que abraçava seu corpo.

O pescador já vira muitas tormentas, não era um marinheiro jovem ou algum tipo de aventureiro dos mares. Por isso, sempre fora cauteloso. Quando previa tais tempestades, fosse pelo vento, trovões ou nuvens espessas, voltava à terra firme.

Ainda que o mar fosse sua vida, não seria tolo de navegar em meio a um espetáculo amedrontador, mesmo que belo e hipnótico diante de sua força, como aquele que a natureza agora propiciava.

Ao menos, não se aventuraria com sua querida Anna, a traineira que herdou do pai. Mordeu o lábio com a vibração no leme enquanto as ondas se agitavam sob o barco de pesca.

Retirou o boné encardido e coçou a careca, botando-o logo de volta. Estava sempre com ele enquanto navegava. O último presente de seu filho.

Confuso, não sabia qual caminho escolher. O chiado no rádio não ajudava. Queria tentar ouvir a voz de novo, talvez isso o ajudasse a encarar o terror que sentia, mas apenas estática saía do aparelho.

— E agora? – indagou. — Ir sozinho para lá ou voltar para terra firme?

"Sozinho, Ben?", a voz feminina ecoou em sua mente. "So-

mos peças que se encaixam, você, o boné e eu. Não há solidão nisso."

Não conseguiu evitar o sorriso diante do conforto daquela voz. A voz de Anna que lhe fazia companhia em meio à imensidão do mar.

— Sim, querida – disse para a traineira. Já não se importava se era ele falando consigo, ou se havia uma voz vinda do barco. Considerava-se um homem feliz, não louco. E isso que importava.

A boca secou diante da brisa fria. Mesmo na pequena cabine do convés, tendo o vidro largo da janela à frente, pelas entradas laterais soprava o ar gelado. Relâmpagos revelavam as nuvens que, ao voltarem à escuridão, pareciam um abismo aberto sobre a água.

Pegou a jaqueta pendurada em um cabide logo atrás. O zíper não fechava sobre a barriga que nos últimos anos ganhara mais gordura, mas ajudou a suportar o frio.

"As rugas, a careca, a barba grisalha e agora essa barriguinha de velho bêbado", Anna falou, zombeteira. "Estamos além do nosso tempo".

Ben sorriu de novo, mas um novo zumbido no rádio ao lado do leme fez com que o sorriso sumisse.

— Aqui é o Farol Mari, na escuta, câmbio? – Ben reconheceu a voz de imediato.

— Aqui é a traineira Anna na escuta! Agenor, há algo a relatar?

— Ben! Estou te vendo pelo radar, você está perto da tempestade. Retorne! Há um porto para atracar, duas milhas ao sul.

— Há algo a relatar? – insistiu.

Agenor permaneceu mudo e Benjamin voltaria a perguntar quando o rádio zumbiu.

— Não. — A voz de Agenor parecia mais distante e Benjamin teve dificuldade em entender diante do chiado que se tornava mais forte. — A tempestade corta o sinal. Se entrar nela, vamos perder a comunicação.

— Mas você escutou no rádio algo agora há pouco?

— Sim, Ben. Mas...

— E há alguma embarcação que pode checar?

— Nenhuma tão próxima! Ben! É... ciso... tor...

A estática arrepiou o pescador.

"E então, Ben?", perguntou Anna. "O que seu filho diria se

estivesse vivo?”

Os lábios de Benjamin tremeram. A foto de seu pequeno Geremias estava guardada no bolso da calça e ele não precisava olhá-la para lembrar do sorriso da criança. Nem do corpo inerte após ser retirado de debaixo d’água, oito anos atrás.

— Ele me chamava de herói dos mares – sussurrou, acariciando o boné. — Geremias tinha medo de muitas coisas, mas os enfrentava quando era preciso. Porque ele entendia que isso fazia dele um herói.

Mesmo sem vida, Geremias segurava o boné que lhe fora dado por Benjamin. Este pensara em enterrar o filho com o objeto, mas percebeu que precisava dele em sua cabeça.

“O boné segue em sua cabeça”, Anna cortou seus pensamentos, “pois é onde Geremias vive. É hora de ser o herói que seu filho via em você”.

A traineira deu um solavanco para trás, fazendo-o gritar. Abraçou o leme em busca de equilíbrio. Conversando com Anna, não se atentou ao mar, o qual estava mais revolto.

Os últimos resquícios de sol daquele início de tarde eram engolidos pelas primeiras nuvens.

“Última chance de voltar”, disse Anna.

Ben retirou novamente o boné da cabeça e o encarou. A aba estava torta e a cor, antes verde claro, tinha manchas escuras presenteadas pelos anos sem o filho. Resoluto, retornou o boné à cabeça e acionou os flaps. O leme teve mais firmeza quando as pranchas de metal estabilizaram o barco.

Observou a proa, vendo que a rede de pesca, os ganchos, a haste do bicheiro e outras caixas estavam bem amarrados.

A estática do rádio foi engolida pela canção dos trovões.

Acendeu as luzes de Anna e adentrou a escuridão.

*

Naquela mesma manhã, Benjamin vira o amanhecer no convés da embarcação, absorto com a eternidade azul que o mar oferecia.

“O mar reflete o céu ou o céu reflete o mar?”, Anna perguntara.

— E há diferença? – respondera e ambos riram.

A brisa salgada se tornara uma constante em seu coração, e todo amor que um dia ofereceu às pessoas, agora oferecia às águas.

E à Anna.

A embarcação lhe apontou o horizonte após o pescador se despedaçar pela morte do filho. Anna, sua particular ilha em um universo de perdas e tristezas, trouxera de volta o sorriso escondido sob a barba grisalha.

Puxar a âncora, ajustar as redes, sempre cuidando da traineira, ouvindo-a falar com a voz do mar. Era sua realidade. Navegar junto à Anna o fazia se sentir banido da terra firme, mas bem-vindo à imensidão.

O tranco na traineira o despertou do devaneio e a realidade o atingiu com o rugido da tempestade sobre ele.

Virou o leme para se equilibrar na gigantesca onda quebrando ao lado. Gritou, não de temor, mas de êxtase. Talvez fosse seu adeus ao mundo, mas tinha que fazer isso.

"Não jogue fora sua vida ainda, não entramos nessa tempestade por nada!".

— Sim, senhora!

Tentou o rádio tentando escutar qualquer voz, mas tudo que havia era estática. Ben soube que o GPS não funcionava ao vê-lo tremular no painel de navegação. Teria de seguir por instinto, mas não se intimidou. Aos sessenta e três anos, após quase cinquenta como pescador, confiava na própria intuição.

"Cuidado!".

O pescador ergueu os olhos do radar e visualizou a crista da onda que a luz dianteira captou. Suas mãos perderam o leme enquanto a proa da embarcação adentrou na onda, remexendo o barco com brutalidade e jogando o corpo do pescador para trás.

Mal sentiu o baque nas costas, desesperado ao perceber que Anna invadiu a onda e a água estava ao seu redor, fazendo-o pender sem ar na escuridão. Um empuxo para cima e a embarcação emergiu, fazendo-o cair contra o convés.

Benjamin teve o corpo arremessado ao lado, saindo da cabine. Atingido pelo vendaval congelante, bateu contra a amura e a dor lancinante nas costas o fez gritar. As mãos e pernas adormeceram enquanto tentava se segurar no piso para não ser jogado em alto mar.

Os raios iluminaram a frente como se guiados pela chuva torrencial. Ben botou a mão na cabeça e, em uma estranha emoção, sentiu-se bem ao tocar o boné.

Encarou largas paredes escuras de água se elevando vários metros ao redor. Mesmo os relâmpagos não o permitiam discer-

nir com clareza o próprio barco de modo a se desorientar.

“Você está à bombordo, Ben!” A voz de Anna era alta em sua mente. “Erga-se, homem! Não é hora de ficar de quatro, precisamos avançar!”

— Falar é fá… – Não conseguiu acabar de dizer e engasgou com água o esbofeteando. Escorregou pelo convés ouvindo o quebrar das ondas como rugidos ensurdecedores e pensou se os antigos mitos de monstros marinhos seriam mais do que mitos.

Abriu os olhos. O corpo ensopado e entorpecido pelo frio. Mais raios cortaram sua vista, definindo a forma monstruosa das nuvens carregadas pelo vendaval. Como uma parede de gelo, uma nova onda o atingiu. Ao longe, ouviu vidro se despedaçando e o grito de Anna.

Seu corpo girou sobre o convés e chocou-se contra a popa. Desequilibrado, os pés se ergueram e, sempre gritando, foi arremessado para fora do barco.

— Adeus, Anna – chorou.

“Jamais diga isso”, Anna respondeu.

Benjamin, antes com medo, sentiu uma espécie de alívio acariciando o peito. Percebia, nas palavras da embarcação, a ternura que o abraçava.

“Você e seu boné não vão sem mim. Esqueceu?”.

Algo bateu contra as costas do pescador e ele abriu os olhos. A água escura abaixo revoltava-se, como se faminta para engoli-lo. Gemeu, sentindo um aperto dolorido no pé. Estava com o corpo pendurado. Colocou a mão na cabeça e o boné ainda estava ali. Riu, ensandecido com o fato, e se forçou para curvar o corpo, buscando enxergar o que o prendia. De repente, algo o puxou para cima, de volta à traineira.

Caindo sobre a popa, avistou seu pé enroscado na rede de pesca a qual se enrolava na haste que usava para atracar Anna. Boquiaberto, olhou ao redor e viu apenas a pequena traineira ali, enfrentando a tempestade.

Por um momento tudo se silenciou, de modo que Ben encarou o cenário como se estivesse fora dele. O convés ensopado, a cabine apontando para o céu, estilhaços de vidro brilhando ao refletirem os raios constantes. As luzes dos holofotes acesas, tornando o céu e as enormes ondas mais visíveis e vivas do que nunca foram.

— Mas… como?

“Eu disse, Ben. Somos peças que se encaixam. Se uma peça se vai, ficamos incompletos.”

Desenroscando o pé da rede com mais facilidade do que esperava, o pescador se ergueu. O som retornou em estrondos, mas não sentia medo. Seus pés estavam mais firmes, e a dor do corpo, distante. Voltou à cabine e abraçou o leme quando uma nova rajada de água o atingiu.

Acelerou a traineira. Sabia que no rosto molhado também haviam lágrimas. O barco pendeu de novo para o lado e Ben gritou, girando o leme para o outro. Contudo, algo dentro de si o avisava de que Anna não se deixaria virar.

“Sou porreta mesmo, meu querido.”, disse em um tom sorridente, fazendo-o rir junto.

Foi então que as luzes dos holofotes de Anna refletiram um brilho metálico à frente. Benjamin exclamou em êxtase, girando o leme em direção à luz refletida pelo barco que encontraram.

Trovões cantaram estridentes no céu enquanto Anna seguia rumo ao destino do pescador.

*

Benjamin se impressionou com a tranquilidade do retorno. Teve de forçar Anna a enfrentar o vento e a correnteza, mas conseguiu escapar sem maiores problemas da região em que a tormenta afligia o mar com mais fúria.

A chuva torrencial se tornara uma garoa e as ondas suavizaram enquanto a traineira adentrava um lugar mais sereno. O vento soprava frio, mas Ben o apreciava. Mesmo com a roupa molhada, sabendo que provavelmente ficaria resfriado, estava satisfeito consigo. E com Anna.

“Conseguimos, Ben. Você é o herói dos mares.”

— E você a heroína.

— Disse algo, senhor? – O rapaz abraçado a uma criança o encarou ao lado da cabine. Ambos encharcados.

Benjamin meneou uma negativa com a cabeça. Na proa, outras doze pessoas trêmulas. Algumas choravam, mas a maioria sorria.

— Pensei que ninguém tivesse ouvido o chamado no rádio – murmurou o rapaz. — Na tempestade só estática e com o motor do iate quebrado, pensei que as ondas iriam nos matar. Ainda não me caiu a ficha de que o senhor conseguiu nos tirar de lá antes de afundarmos.

Benjamin piscou o olho para ele e ajustou o boné na cabe-

ça. Estava vivo e com as quatorze pessoas que resgatara. E, mais importante, estava com Anna.

"E continuaremos juntos até o fim. Como eu disse, somos peças, Ben".

— É, Anna. Peças feitas umas para as outras…

Lucas Nangi
lucas.nangi@hotmail.com

Lucas Silva Nangi dos Santos nasceu Uberaba, MG, em 1990 e é licenciado em História e pós-graduado em Direito. Publicou "Phronus – A Canção da Ruína dos Mundos" (ed. Autografia) e "Ecos Literários do Fim do Mundo" (ed. Darda) além de ter contos em coletâneas da Darda e de outras editoras. Faz parte do podcast literário "Andarilhos do Imaginário" e tem a página "Ecos Literários do Fim do Mundo – Lucas Nangi" no facebook. Insta, twitter e facebook: LucasNangi

Caminho

Sonhamos em andar.
Andamos devagar,
cada vez mais rápido,
sonhamos em correr.

Quando ganhamos asas,
sonhamos em voar.
Decolamos, aterrissamos,
voltamos a andar.

Sonhamos em
continuar andando
ainda que devagar.

Voltamos a sonhar,
voltamos a voar,
então com outras asas.

Daniela Genaro
danigeaguiar@gmail.com

"Eu atuo como professora de História na rede estadual do estado de São Paulo e escrevo nas horas vagas. Durante muito tempo fui a única leitora de meus versos e apenas recentemente passei a publicar em antologias e revistas literárias."

O Portal

A única coisa boa de ser míope, pensa Mônica apoiada na borda da piscina, é o quão bonitas ficam as luzes desfocadas à noite. De resto, é apenas uma condição que atrapalha a vida.

Como pesquisadora da universidade federal ela precisa utilizar diversos instrumentos e equipamentos de pesquisa, e mesmo um simples microscópio é manuseado de forma mais confortável sem o uso de óculos, que já eram parte integrante de sua vida e de sua aparência, inclusive de sua personalidade marcada pelos trejeitos usuais de arrumação e limpeza constantes deles dos mesmos. Óculos estes com lentes fundas e armação démodé, estilo casco de tartaruga.

Nas noites quentes, Mônica utiliza a piscina de seu prédio, quando não há ninguém para disputar seu espaço. É um bom prédio em uma boa vizinhança e ela sabe a sorte que tem por ter à sua disposição aquele tipo de lazer. As luzes refletidas na superfície calma da água são como enormes flocos de neve flutuando ao seu redor. Mas o que a faz aproveitar de verdade o momento é o fato de que as luzes apenas tinham este efeito se olhadas casualmente. Se tentar observá-las melhor e apertar os olhos, a miopia parece levar a beleza embora.

É uma das noites mais quentes da primavera de 2027 e Mônica chega em casa suando em bicas após descer do ônibus que faz o trajeto entre a estação de pesquisas da universidade e o bairro em que mora. Tem lembranças de quando era criança, há mais de vinte anos, quando as estações do ano eram mais identificáveis. Mônica deixa a bolsa em cima da mesa da sala e se dirige para o quarto, pensando que os dias gelados estão muito distantes daquela noite. Coloca seu biquíni, enrola-se em uma toalha e, às oito da noite, está boiando na piscina do prédio, como havia feito em todos os outros dias daquele mês. Sua única companhia é um gato cinzento de olhos verde-esmeralda que perambula pelo condomínio e a observa do muro baixo da casa de máquinas. O gato não é de ninguém, mas sim uma criatura solitária e independente, com a qual ela se identifica.

Sob o olhar casual do gato, Mônica observa seus flocos

de neve naquele calor descomunal e a ironia a faz sorrir. Flocos brancos e âmbar, a depender das luzes acesas nos apartamentos. Por vezes alguns somem e outros surgem, conforme as vidas ocupadas de seus vizinhos acontecem em seus apartamentos, enquanto ela observa e imagina o que estaria acontecendo em todos aqueles cômodos que se acendem e se apagam.

Quando sai da piscina, a mancha cinzenta que era o gato não está mais lá. Mônica se sente mais sozinha, mas está acostumada, afinal o gato não é dela. Ao colocar os óculos e se enrolar na toalha, pronta para subir, ela olha de soslaio para a piscina e vê que, embora todas as luzes estejam agora nítidas, há uma no meio da água que continua desfocada.

Ela tira os óculos, borrando o mundo ao seu redor, os limpa e os coloca de volta. A luz continua fora de foco. Ela resolve voltar para a água, desta vez usando os óculos.

Ao se aproximar do centro da piscina, ela vê que a luz forma um aro igualmente desfocado. Ela olha ao redor para ver se alguém a observa e, não havendo vivalma no local, mergulha para olhar sob a água.

Através dos óculos, Mônica vê o seu prédio. Só que o prédio está em ruínas e parece haver ervas daninhas crescendo ali, como trepadeiras disformes.

Ela passa um braço pelo que identificou como um portal e sente sua mão do outro lado, seca. A surpresa a faz emergir da água e respirar calma e profundamente, buscando uma explicação lógica.

Mas não há nenhuma.

Sua curiosidade se sobrepõe ao seu receio e ao estranhamento. Sua alma de pesquisadora cede ao impulso de entender aquela anomalia e Mônica se pega submergindo mais uma vez. Desta vez ela coloca a cabeça do outro lado do portal e respira sem dificuldades. Não há água ali, embora ela estivesse sentindo suas pernas molhadas do outro lado. Ela atravessa e cai suavemente no chão do outro lado do portal. Deveria ter caído dentro da piscina, mas a piscina não está lá.

A área comum do prédio também não está ali. É apenas um terreno rochoso do qual parece brotar seu prédio e o restante dos prédios vizinhos, como se tivessem nascido naquela rocha. Mônica se levanta e vê seu prédio em ruínas, tomado por trepadeiras. O silêncio impera e a vizinhança não tem mais as divisas dos muros nem há mais sinal da avenida que fazia frente

com seu prédio. Há apenas alguns telhados das casas baixas, os andares de cima dos antigos sobrados e os prédios cortando o horizonte, desabados ou em ruínas.

"Olá!", ela grita. Sem retorno.

"Alguém aí?", ela grita mais alto. Novamente sem retorno.

Nenhum sinal de pessoas. Mônica também não ouve pássaros ou outros animais. As luzes dos apartamentos e das casas estão apagadas e não há sinal de vida no local. Também não há vegetação identificável além de alguns focos de grama espalhados em buracos naquele chão rochoso e das trepadeiras nos imóveis. O solo rochoso parece cobrir tudo e deixar um ambiente quase estéril.

Impelida pela curiosidade, Mônica começa a andar em direção ao pequeno centro comercial próximo ao seu apartamento. É uma praça pública que foi tomada pelo comércio local e, por ser normalmente muito movimentado, é o único lugar que vêm à mente de Mônica para ir sem correr o risco de perder o caminho de volta para seu prédio naquela vizinhança que, embora pareça a sua, está desfigurada.

Guiando-se pelas fachadas dos edifícios que conhece tão bem, Mônica segue com uma rapidez deliberada. Não passa por sua cabeça que o portal pudesse se fechar de repente ou que tudo aquilo pudesse ser um sonho. Está curiosa demais para ver até onde aquela extensão rochosa havia engolido sua cidade.

No caminho ela passa por letreiros de restaurantes, de hotéis e de empresas, todos apagados e os estabelecimentos fechados. Há janelas quebradas e outras intactas, mas todas empoeiradas. Não parece haver sinal de vida em nenhum prédio do local e diversas casas baixas de amigos ou comércios que ela conhece estão encobertos por aquela camada rochosa.

Em determinado momento da caminhada, olhando para o chão, um choque de realidade a envolve. Ela já havia visitado locais assim antes, o solo rochoso é típico do magma resfriado que encobre o solo após erupções vulcânicas. Ela havia estudado aquilo como rocha magmática ou ígnea que formam terrenos novos sobre as paisagens que destroem.

Mas aquilo não fazia sentido nenhum para ela, embora tivesse agora ao menos uma informação relevante sobre onde estava.

Mônica tenta organizar seus pensamentos e se recorda de um estudo feito há algum tempo. Em 2021, contrariando pesqui-

sas anteriores, foi confirmada a existência de um vulcão adormecido na cidade de Nova Iguaçu, localizada a alguns quilômetros de onde ela mora. A resposta é fácil, mas não é plausível. Não havia a menor possibilidade de aquele vulcão voltar a ter atividade a não ser por algum evento geológico extremamente poderoso. Como um meteoro, por exemplo.

Ela senta-se naquela rocha ígnea e passa a mão pela superfície áspera, imaginando pela primeira vez se tudo aquilo é um sonho e se havia adormecido na piscina do prédio. Se sim, em breve talvez estivesse se afogando e acordaria. Mas o sonho parecia bastante real naquele momento.

Imersa em pensamentos, Mônica se levanta para retomar seu caminho, mas, distraída, escorrega e raspa o joelho naquele chão duro e descarta de vez a ideia de que está sonha do. A dor no joelho ralado é bastante real. Ao chegar onde deveria estar a praça que buscava, ela confirma suas suspeitas. Há apenas aquela formação contínua e rochosa estendendo-se até ali, sem sinal da praça que buscava. Embora ela já esperasse a ausência da praça, a confirmação a deixa estupefata e ela sente um frio trespassar suas entranhas. Continua curiosa, mas aquela esterilidade abrupta na cidade em que nasceu e cresceu a deixa desconfortável.

Mônica entra no luxuoso hotel que faz frente para a praça por uma janela entreaberta à altura da rocha. Ao entrar no quarto verifica estar bem preservado, embora vazio. Ela sai para o corredor e vê o número 42 na porta do quarto do qual saiu.

Ela sobe as escadas na maior velocidade que consegue pelos dez andares restantes do edifício para ter uma vista melhor da cidade e da região. Ao chegar no último andar, ofegante pela subida, Mônica olha pela janela e a paisagem com a qual se depara deixa-a assolada.

A rocha ígnea se estende até onde a sua vista alcança. Toda a cidade está parcialmente encoberta por aquilo. Estéril, a cidade não existe mais, é apenas um fantasma. Ao atravessar o andar ela olha pela janela de outro quarto, no extremo oposto do hotel, e vê que também naquele lado da cidade não há vida alguma, apenas aquele ambiente inóspito.

A universidade na qual trabalha, composta por prédios baixos de até dois andares, está soterrada pela rocha. O prédio em que mora também está lá, parcialmente coberto e em ruínas, como a maioria dos prédios da região. Alguns estavam intactos,

prédios mais robustos e mais bem construídos, como o hotel em que agora estava, mas vários edifícios haviam desabado, em sua maioria os residenciais.

Ela desce os andares até acessar novamente a altura do solo e encaminha-se de volta para casa, ou o que quer que fosse aquilo agora. Há no caminho alguns pedaços menores de rocha, quebrados ou individualmente formados, e ela coleta alguns fragmentos para levar de volta e estudá-los no laboratório.

Ao chegar no seu prédio, Mônica respira aliviada ao verificar que o portal continua lá. Como se pudesse se fechar a qualquer momento, ela o atravessa com tanta rapidez que esquece o fato de haver uma piscina cheia de água do outro lado. Quase se afoga, debatendo-se na água até alcançar a borda da piscina, machucando suas mãos com as rochas e tossindo para expulsar a água dos pulmões.

Sua experiência de quase afogamento e a tosse alta trazem às sacadas e janelas do prédio vários vizinhos que observam sua recuperação. Nenhum deles desce para ajudá-la ou grita perguntando se ela está bem, mas ela jura ver alguém com um celular na sacada do sexto andar.

Mônica tenta ignorar os olhares duvidosos sobre ela e, lembrando-se de que continua de biquíni e que aquilo não contribuiria para diminuir a atenção a ela dispensada, enrola-se na toalha, pega as rochas que estavam na borda da piscina e sobe para o seu apartamento.

No dia seguinte, na universidade, ela submete a rocha a análises suas e de outros colegas, inclusive geólogos. Aquele time improvisado corrobora o que ela já imaginava. São realmente rochas magmáticas, mas também há resquícios de sal marinho e outros materiais oceânicos, além de radiação que, embora já estivesse considerada inofensiva, era "peculiar", como disse o relatório final. Os resquícios marinhos datavam de aproximadamente dois mil anos e aquilo indicava o contato do magma com água do mar, o que provavelmente o resfriou e o deixou naquela forma rochosa desde então.

Ao final do dia, a tese adotada por Mônica e pelos demais colegas é que aquela amostra era resultado de uma explosão vulcânica, cujo magma foi posteriormente resfriado pela água do mar. Nada disso explicava a presença de radiação, mas era a única explicação possível sobre a formação da amostra.

Os colegas questionam onde ela havia coletado aquela

amostra, mas ela diz que foi numa viagem feita há muitos anos e que só agora se lembrou daquilo perdido no fundo do seu armário. Duvida ter convencido alguém, mas é o que conseguiu pensar na hora.

Ela volta à noite no ônibus, pensando no motivo de haver radiação naquela rocha e na razão de estar já tão decaída. A rocha magmática com resquícios de material marinho é bastante comum e possível de acontecer. Onde o magma toca o oceano e se solidifica, pode haver resquícios. Mas a radiação não podia ser facilmente explicada e o elemento radioativo também não foi identificado. Era impossível inferir algo concreto da presença da radiação naquela rocha.

Naquela noite ela não vai para a piscina. Quando chega em casa são mais de dez da noite e ela está exausta pelo longo dia de pesquisas e perguntas sem respostas.

Mônica deita-se para dormir, mas passa boa parte da noite em claro, perdida em especulações. Talvez aquele portal fosse para uma realidade alternativa ou para o futuro, mas era um futuro tenebroso demais para pensar. Além disso, a rocha havia entrado em contato com a água há dois mil anos do tempo para o qual ela viajou. Se era de fato um futuro, era muito longínquo, o que explicava ao menos o porquê de a radiação já está fraca. Uma resposta que levantava muitas outras dúvidas.

Ademais, se fosse de fato um cataclismo, como haveria lava naquele lugar? O único vulcão próximo estava adormecido há centenas de milênios e não havia nenhuma placa tectônica na região que pudesse acordá-lo. Apenas uma força extrema poderia causar aquilo, como os próprios pesquisadores que descobriram o vulcão anos atrás disseram.

No dia seguinte ela falaria com os pesquisadores chefes dos outros departamentos e pediria suas opiniões também. Naquele dia o que ela conseguiu foi apenas mais perguntas, no final das contas. Nada daquilo fazia sentido. O que teria causado tal cataclismo a ponto de causar o despertar de um vulcão adormecido e, ainda por cima, o encontro da água do mar naquele local? Para o mar alcançar sua cidade seria necessário um maremoto de proporções descomunais.

Se a lógica dos eventos apresentada no relatório final daquele dia estivesse correta, um vulcão teria despertado e extirpado toda a vida do local com a asfixia causada pelo gás carbônico e pelas cinzas. Em seguida, o magma teria invadido todo

o terreno, causando aquela esterilidade que ela havia testemunhado e, por fim, um maremoto teria submergido toda a terra e o magma pulsante, resfriando-o e formando o terreno rochoso.

Mesmo nos seus devaneios mais insanos ela não consegue imaginar aquela sucessão de eventos. Além disso, a radiação da amostra continuaria inexplicada, a não ser pela sua teoria de viagem no tempo para uma dimensão paralela, à qual ela não cederia.

Com a cabeça cheia de hipóteses e perguntas sem respostas, o cansaço a vence por um momento e ela dorme.

Após poucos minutos de efetivo sono, o som de uma explosão a desperta. É um som alto e assustador, como um grito vindo das próprias entranhas do planeta. Ainda é madrugada. Ela limpa com pressa as lentes dos óculos e os coloca, observando as luzes começarem a surgir nas casas e apartamentos próximos. Muitas ligações são feitas e diversas pessoas saem nas ruas e nas suas sacadas.

Nenhuma explicação chega até ela e sua cabeça começa a latejar. Nunca havia ouvido nada parecido e começa a repassar a tese do dia anterior, sentindo um incômodo surgir dentro de seu peito.

Mônica prepara uma torrada com geleia às seis da manhã para acompanhar seu café duplo. Talvez pudesse ser considerado triplo, na verdade. Ela precisaria de uma boa dose de cafeína para encarar as pesquisas após aquela noite curta de sono. Abre o aplicativo de notícias e, ao ver a notícia mais recente, traduzida de um jornal britânico, derruba o café no chão.

A notícia havia sido disponibilizada há algumas horas e ela tinha certeza que ninguém além dela havia entendido seu real significado.

Vinte de outubro de 2027.

EUA FAZEM PRIMEIRO TESTE NUCLEAR SUBMARINO DOS ÚLTIMOS 40 ANOS

Os Estados Unidos da América fizeram o primeiro teste nuclear submarino desde a década de 1980, no oceano pacífico. O teste foi realizado no território americano próximo ao Havaí na madrugada de hoje.

O secretário de defesa americano Thomas Moore disse, em

entrevista à Fox News poucos minutos após a conclusão do teste, que o governo americano realizou o experimento para garantir que o seu arsenal "continua em bom estado para garantir as defesas em caso de possível ataque externo". Moore nega que o teste tenha qualquer relação com a situação econômica atual do país e a tensão crescente com a China e seus aliados, a Aliança do Dragão.

Os EUA já haviam realizado ameaças indiretas à Aliança, recordando que detém o maior armamento atômico do mundo ou, pelo menos, o segundo maior, e que estaria disposto a negociar condições menos impactantes para os americanos.

O experimento realizado parece ser, na opinião dos especialistas, uma resposta às recentes ofensivas comerciais da Aliança que impuseram o primeiro embargo econômico contra os EUA na história recente, causando uma crise sem precedentes no país.

Moore apontou ainda que o teste "pode ter causado um leve deslocamento na placa de cocos", placa tectônica mais próxima ao local da explosão. Mas, ainda segundo o secretário, "não há nenhum perigo e o movimento da placa foi previsto e controlado".

O governo chinês e demais chefes de Estado ainda não se pronunciaram sobre o ocorrido.

Mônica corre para a sacada e vê, subjugada pelo desespero, a nuvem negra de cinzas rapidamente cobrindo o céu, transformando o dia em noite.

Rafael D'Abruzzo
rafaeldabruzzo@gmail.com

Escritor e leitor voraz de diversos estilos literários. Com alguns contos publicados até o momento e autor de tantas outras histórias engavetadas, está terminando a edição de seu primeiro romance.

K

Flávio Junkes
ftjapr@gmail.com

esmaguei a Ponta da agulha
masquei o Extremo do cadarço
arranquei o Bico do bebedouro
cortei a Cabeça do prego
e aí O amor apareceu

quebrei o Alarme de incêndio
cortei a Grama sintética
furei o Pneu da barriga
pressionei a Caneta da ponta
e O amor permaneceu

apliquei corações em Desenhos
esbocei versos Ultrarromânticos
chorei implorando o Perdão
adoeci sem saber os Motivos
e aí que o amor enfraqueceu

emiti presentes Convencionados
desesperei-me no Irrepreensível
arvorei-me em estados de Submissão
despersonalizei-me
aí O amor sumiu, literalmente

Submissões abertas!

A Mafagafo está aceitando submissões de contos e noveletas de 7.500 a 17.500 palavras. A primeira etapa é para envio de pitch, resumo e amostra do texto e vai até dia 15 de junho!

https://mafagaforevista.com.br

JavaCorp (1 de 2)

Houve um tempo em que a empresa JavaCorp era o sonho de consumo de todo trabalhador honesto...

Inclusive o meu.

Fiz de tudo para ser aceito como funcionário-beta, e logo descobri que tudo ali era controlado por um robô. Uma única luz verde pulsava em nossos cubículos enquanto dizia frases inspiradoras.

"A JavaCorp sabe o quão importante você é"

Eu sabia que todos ouviam o mesmo, mas essas simples palavras me faziam dar o sangue pela empresa. E isso literalmente, pois a cada turno uma agulha coletava amostras, e éramos cumprimentados com os dizeres "*Quem não se sacrifica, não é respeitado*".

Mas as coisas estavam ficando diferentes.

"Não pense muito, apenas faça seu trabalho e deixe o resto com a JavaCorp"

... continua

i.com

JavaCorp (2 de 2)

Parei de sorrir. Apesar das melhorias à população, nossas vidas estavam cada vez mais homogêneas. Todos tinham as mesmas casas, os mesmos carros... Até o cachorro do vizinho é igual ao meu. E, aos finais de semana, era a JavaCorp quem decidia tudo.

"Limpe sua mente de bobagens, pois a JavaCorp quer que tenha um excelente sábado"

Há uma semana, descobri que nosso sangue era, na verdade, um tributo. Tentei escapar, mas já estou ligado até as entranhas com este pacto do inferno. Meu corpo e minha sanidade agora pertence a eles.

O que mais me atormenta é que nunca descobri quem são esses "eles". Mas tenho minha desconfiança. Possivelmente a JavaCorp é uma...

"Pensamentos excessivos é igual a funcionário improdutivo"

Desculpe, leitor... Preciso voltar ao trabalho.

i.com

Perseu em Duas Rodas

Conto originalmente publicado em inglês na antologia *Broken Metropolis: Queer Tales from a City That Never Was* da editora *Mason Jar Press*

Lá no Morro do Alderamin ninguém é cético, até porque, bora falar a verdade—ninguém tem como ser. Essa história começou lá pelos anos 2000, quando o Alemão chegou, e a porra toda mudou. "São os deuses," foi o que ele falou, sem especificar quais deuses. "São eles que nos ajudam." Deuses, assim, no plural, porque podia ser qualquer deus, de qualquer religião. Se nem ele sabia qual, então não custava agradar gregos e troianos, certo? Certo.

A favela ficava no topo do morro, ou o morro ficava debaixo da favela, a ordem dos fatores não importava. O que importava é que algo acontecia ali, algo que ninguém conseguia controlar. Um cachorro voltou à vida. Uma senhora de noventa e cinco anos deu à luz a trigêmeos. Dois policiais perderam a língua. Não era bem um milagre de Natal, mas era impressionante, isso era.

O problema com o poder ("magia" não era uma palavra lá muito divina) é que acontecia do nada, assim, puf, não importando o quanto o cidadão rezasse para ser ajudado. O Perseu, por exemplo, implorava pra ter um pinto. Bem grande. Por anos. E adivinha? Não aconteceu. O infeliz teve que pagar pela operação ele mesmo, hormônios ilegais e tudo. Não era o que ele dizia pra deus e o mundo, porém.

— É o poder, sabe? — Perseu dava de ombros, apontando para a estatueta de um orixá vestido de vermelho e branco no fundo da oficina mecânica dele. — É porque eu sou filho de Xangô, ele sempre me ajuda.

Era testosterona e cirurgia, na verdade, mas mentir a respeito do poder já era quase uma obrigação cultural. O único que conseguia controlar o poder era o Alemão, e ele lucra bastante com o negócio, vou te contar.

— *Lucrava*. Passado, não presente. Dizem as más-línguas que desde semana passada que ele não consegue controlar a coisa, e o lazarento vai pirar.

— É? — Perseu não ligava muito pra quem mandava no Morro do Alderamin ou deixava de mandar. Tudo que ele sabia é que o Alemão tinha casado com a dona Cássia, a esposa do defunto líder, e que o dito cujo adotou a filha dela. Só. — E daí?

— E daí que tá todo o mundo arrepiado com a ideia, Perseu! Cê não tem medo de perder isso aí que você ganhou? — O cliente apontou para o zíper da calça jeans dele, exagerando na gravidade da coisa.

Perseu abriu um sorriso.

— Eu não, uai.

— Bom. Só tô dizendo que as pessoas tão dizendo que ele disse que tá querendo sacrificar a guria pros deuses. Que nem esses que você acredita — o cliente comentou, encarando o altar dedicado a Xangô.

Tinha muita coisa errada com aquela frase. Primeiro: quem disse? Segundo: que guria? Terceiro: que deuses? Quarto: o que Xangô tinha a ver com tudo isso? Nada, o Alemão nunca tinha mencionado um orixá que fosse.

Mas Perseu respondeu apenas o assunto de maior importância em sua vida:

— *Guria*? Que guria?

— Cê não sabe de nada mesmo, né, Perseu? Eu tô falando da Andressa, filha da dona Cássia! O Alemão tá falando que só assim os deuses vão perdoar nossa desfeita.

— Tá maluco? — Perseu franziu o cenho, enfiando os dedos no cabelo crespo e claro, quase do mesmo tom que a pele cor de areia. — Deus lá na Europa gosta dessa bobajada?

— E eu vou saber?

No dia seguinte, a profecia do cliente virou realidade. Perseu acordou com a gritaria vinda do lado de fora, todo o mundo dizendo que o rei tinha prendido a Andressa na torre de TV. Ele nunca tinha entendido por que chamavam o Alemão de rei; de nobre o cara não tinha nada, de dinheiro também não, porque tudo que ele ganhava, ele gastava logo depois.

— Coitada da bichinha, tão nova e já marcada pra morrer.

— Eu ouvi dizer que é porque ela é a mulher mais bonita do morro. Se não fosse, ele não matava.

— Cês tão falando da Andressa? — Perseu perguntou, se metendo entre duas mulheres de meia idade.

— Quem mais?

— Ela é bonita assim mesmo?

— Ficou burro, Perseu? Claro que é! Vai dizer que nunca viu a Andressa?

Um cacho caiu na testa dele, e Perseu enrolou as mangas da camiseta vermelha até mostrar os ombros.

— E ela tá na Torre de TV?

— Foi o que eu falei, não foi?

— OK.

Agora ele sabia o que fazer. Não conhecia a tal da Andressa, mas de uma coisa ele tinha certeza: sua moto tinha sido consertada faz pouco tempo, e pra algo ela tinha que servir. Não é como se ele quisesse ver uma menina morrendo só porque o Alemão era doido, também. Alguém precisava fazer alguma coisa, e esse alguém era ele.

Um dos motivos pelos quais Perseu nunca tinha visto o poder é porque a mandinga ficava muito mais forte no alto do morro, e mais fraca nas beiradas, perto da cidade. Ele tinha certeza de que a coisa era real, porque nenhum milico queria mais subir naquelas bandas, e ele já tinha visto alguns dos resultados, inclusive a cadelinha zumbi. Mas, no dia a dia, não fazia muita diferença: quando o Alemão tava feliz, o 3G ficava bom, mas só. Tinha que levar isso em consideração; quando chegasse ao topo, a coisa podia sair do controle.

— Bom, fui — ele falou sozinho, depois de se arrumar. Só precisava de uma camiseta, calça jeans e o inseparável tênis branco de cano alto cujas parcelas intermináveis ele continuava pagando. As asinhas nas laterais deixavam o sapato especial (e caro); bom, isso, e a marca de grife, né?

Perseu pulou na moto, uma belezinha feita do zero, fruto de muito trabalho seu: *off-road*, toda branca, o tanque cheio de biodiesel vendido à metade do preço, perfeita para obstáculos e alta velocidade. Ia levar um tempo para alcançar o topo, mas ele era cabeça dura, ah, isso ele era!

Adiante havia níveis e níveis de casas, pequenas e grandes, puxadinhos, fachadas de tijolo sem tinta, casebres de madeira, paredes laranjas, verdes, rosas, azuis. Perseu cuidava cada poste torto, driblando as fiações caídas, acelerando sobre as escadas. Em cada ruela estreita ele dobrava, devagar para não atropelar ninguém, ouvindo os vizinhos comentarem:

— Olha lá! É o Perseu da oficina, num é?

Só quando alcançou as árvores que separavam as casas da torre que soube que estava perto. Já dava para ver a construção

velha e prateada apontando para o céu no meio de escombros, mas nem sinal da garota. Estava quase começando a considerar que isso tudo tinha sido uma ideia estúpida e impulsiva: a torre de TV tinha sido abandonada mais de dez anos atrás, e o pessoal lá embaixo dizia que as coisas eram um pouco caóticas no meio do mato, porque as plantas deixavam tudo mais energizado.

— Andressa? — chamou em voz alta, encostando a moto em um muro que dizia DESOCUPADO—VENDEMOS ~~MADEIRA~~ MACONHA. — Andressa, minha filha, cadê você?

Perseu, prestes a ficar impaciente, chutou uma das portas da construção abandonada. Uma trovoada rugiu, quase respondendo a pergunta. O jovem se empertigou, olhando para tudo que é lado. Nuvens cor de chumbo formavam-se no céu, arruinando uma tarde de primavera perfeitamente decente.

— Tá bom, então! Isso foi uma ideia de jerico! Fui!

Ele subiu de novo na moto, querendo ir embora antes que perdesse uma língua, virasse o cão chupando manga, ou qualquer coisa do tipo.

Quando já estava pronto para sair, Perseu olhou pra cima. No alto da torre havia alguém, ou melhor, havia Andressa, com os pulsos presos atrás do próprio corpo. Ele abaixou a lente do capacete, branco como a moto, e apertou o botão na lateral que ampliava a imagem, um detalhe que ele nunca achou que seria relevante.

— Uau — falou Perseu, agora em voz baixa, mesmo que a garota não fosse escutar.

As velhinhas fofoqueiras não tinham mentido. Andressa era a mulher mais bonita que já tinha visto. Pensando bem, ela provavelmente era a mulher mais bonita do mundo. Longas tranças de kanekalon cor-de-rosa cobriam a pele negra dos braços dela, seus olhos estreitos e pretos pareciam cansados, e o nariz pequeno e largo combinava com a boca cheia e arredondada.

Claro que ela vestia um camisetão, um par de chinelos e um shorts de pijama estampado, mas isso não importava.

— ANDRESSA! — Ele exclamou, acenando freneticamente no ar. — MEU NOME É PERSEU! PERSEU BATISTA!

Andressa olhou para baixo, finalmente notando sua presença.

— CÊ NÃO ME CONHECE, MAS EU VIM AQUI TE AJUDAR! PODE SER?

— Perseu? É assim que fala? — Ela perguntou de volta com

uma voz sonolenta, muito menos escandalosa que a sua.

— SIM, PERSEU! QUE NEM O JOGADOR DE FUTEBOL!

— Você vai se machucar!— Andressa tentou avisar, olhando o tempo todo para o céu. Ela tentou se mexer, mas os pulsos dela estavam presos à torre com algemas de plástico. — É melhor cê ir embora, sério mesmo!

Andressa não sabia disso ainda, é claro, mas Perseu não era o tipo de pessoa que desistia facilmente. Ou desistia em algum momento, diga-se de passagem. Com exceção daquela vez dois minutos atrás.

— Eu só tô pensando aqui com meus botões como que eu vou fazer pra subir aí em cima se não tem escada! — Perseu olhou para as vigas quebradas. Bem que eles tinham feito de abandonar a torre, o negócio estava decadente. — Cuidado que eu vou escalar esse troço!

Não tinha coisa que ela falasse que fizesse Perseu mudar de ideia. Nem "não é seguro", nem "mas vai cair um toró", nem "você é sem noção, eu heim!". Perseu tirou o capacete, saiu de novo da moto, e segurou uma das pernas metálicas da Torre de TV.

— Bora!

A escalada foi difícil. Era mais um momento na vida de Perseu onde ele teria gostado de ter ajuda divina, mas nada aconteceu. Poder era algo dos outros, nunca algo dele. Ao menos eu malho, ele pensou, prendendo-se com braços e pernas às vigas da torre. Antes da transição eu parecia um franguinho. Outra trovoada brutal fez seu peito tremer, mas ele tinha um objetivo em mente, e não pretendia parar no meio do caminho.

— Ei! Oi! Eu, bem, uau — Perseu falou rápido demais quando finalmente chegou ao último andar, uma das poucas coisas que sobravam da antiga torre. Andressa estava diante dele, parecendo uma princesa de contos de fadas, e ele não sabia o que fazer além de gaguejar, boquiaberto. — Vocêéámulhermaislindadetodosostempos.

— Hã?

— Foi mal! Isso foi meio estranho. Eu geralmente não sou assim, juro — gesticulou, tirando um canivete do bolso. — Deixa eu te ajudar, cê deve tar morrendo de dor, tadinha.

Andressa sorriu um pouco, achando graça daquele jeito bobo dele (ou ao menos era isso que Perseu escolheu acreditar). Ele se ajoelhou ao lado dela e cortou as algemas de plásti-

co, liberando os pulsos já machucados.

— Brigada — Andressa murmurou, massageando a pele delicada de seu braço. Vendo de perto, dava para notar o quão exausta ela deveria estar, e as olheiras escuras pesando sob os olhos dela. — Quem te mandou pra cá?

— Ninguém — Perseu colocou o canivete de volta no bolso da calça jeans. — Eu vim porque eu quis.

— Mas eu não te conheço.

— Agora conhece. Muito prazer, aliás. Meu nome é Perseu, o seu é Andressa. Todo o mundo te chama assim? Cê não tem apelido? Dressa? Não?

— Perseu. — Andressa olhou para o céu, franzindo as sobrancelhas. — Não quero cortar teu barato nem nada do tipo, mas a gente precisa sair daqui.

— Ah! Isso! — Perseu passou a mão nos cachinhos perto da nuca, olhando para o alto. — Eu não planejei essa segunda parte.

Andressa levantou, segurando uma das barras de ferro. A chuva começou, gotas grossas pingando nos dois, tão pesadas que chegavam a doer contra a testa.

— Aquela moto lá embaixo é sua?

Não deu nem tempo dele responder. Quando virou para trás, a moto tinha desaparecido.

— Cadê…?

— Ali!

A chuva estava cada vez mais intensa, mas quando Andressa falou, ele finalmente conseguiu visualizar onde estava a dita cuja. A moto branca voava em direção a eles, do jeitinho que o povo lá debaixo falava que acontecia quando o poder estava envolvido.

— Uau — falou Perseu, e a garota o segurou pelo braço direito.

— Eu tô meio assustada — ela sussurrou.

— Olha, eu também — ele respondeu.

Um raio caiu em uma árvore próxima, partindo o tronco e queimando as folhas. Era por isso que o Alemão tinha colocado Andressa ali; essa era a oferenda.

— A gente precisa sumir daqui. — Perseu começou a acenar para a moto enquanto falava, como se ela fosse um cachorrinho esperto. — Ei! Pégaso! Vem cá!

Poder era bom, não, poder era bom demais. Não que ele

tivesse sentido algo diferente em seu corpo, era uma coisa mental, causada pelo momento em que a moto obedeceu, pronta para estacionar na Torre de TV.

— Pégaso?

— É, bom, sim, é o nome dela. Já que eu sou Perseu, ela tinha que ser Pégaso, né? Achei que ia ser engraçado, mas eu não tava esperando que ela fosse voar do nada.

Andressa riu baixinho, e ele achou que gostaria de passar a vida inteira assim, fazendo ela rir e dizer: "Nossa, o Perseu é tão bobinho…"

Perseu sorriu e segurou a mão dela:

— Confia em mim?

— Eu tenho opção?

— Não muita, mas se não der certo, cê pode se vingar de mim no além. Juro que não vou me defender.

Outro raio, mas agora a moto estava parada diante deles, flutuando ao lado da torre de maneira obediente. Perseu pulou, montando a máquina como montaria um cavalo, e a moto deu uma sacudida no ar.

— Pode vir! Eu te seguro!

— Perseu, eu não sei se…

— Confia em mim!

Andressa olhou para o céu carregado, e fechou os olhos com força, pulando para fora da torre. Perseu não teve tempo de hesitar. Segurou a moto entre as pernas, virou para trás, e a ajudou a sentar com toda sua força.

— Pronto. Pronto, tá tudo bem agora. Já vai passar.

Ela abriu os olhos de novo, tocando a moto branca com dedos trêmulos, e acenou com a cabeça.

— Tô confiando em você — ela disse.

— OK! — Perseu deixou que Andressa se acomodasse, apertou as manoplas, e colocou os pés nos pedais. — Bora sair dessa merda!

E eles voaram e voaram, deixando o mato para trás, driblando os raios morro abaixo. Andressa estava agarrada nos braços de Perseu, as tranças balançando com o vento, a boca aberta e impressionada. Ele gargalhava atrás dela, a pele dourada molhada, as juntas doendo. E Pégaso, debaixo deles, rodopiava no ar, indo em direção à cidade.

— Eu nunca tinha conseguido usar o poder antes, mas sabe que não é tão ruim assim?

— Bom… — Andressa começou, mas ele não conseguiu ouvir, não com a tempestade.

— É a melhor coisa do mundo! Será que eu consigo fazer mais? — Perseu tentou controlar Pégaso para dar uma cambalhota no ar, mas não rolou. — Pera…

A moto parou numa ruela vazia perto da oficina, e Perseu pulou para o chão, apontando para ela.

— Você! Foi você?

— Não sei! — Andressa exclamou, mexendo as mãos, toda nervosa. — Talvez?

— Isso significa que cê é a nova rainha do morro? — Perseu começou a gargalhar. Ele odiava toda essa coisa de títulos de nobreza, mas com ela, ele até que poderia se acostumar. — Seu pai vai surtar.

— Padrasto. Ao menos ele não vai mais conseguir me matar — Andressa murmurou, colocando uma trança comprida para trás da orelha.

— Não se eu for, tipo, seu cavaleiro. — Perseu fez a reverência mais espalhafatosa que conseguiu imaginar, fazendo-a rir um pouco mais. — Quer dizer. Minha moto consegue voar agora e tal. Você não vai achar isso em qualquer esquina.

— Você é tão bobo — Andressa falou. — Mas eu meio que gosto disso.

Perseu sorriu tanto que suas bochechas doeram, e ele ofereceu a mão para ela.

— Então, rainha — começou, sentindo que estava na Etiópia em um cavalo alado, pronto para derrotar o monstro do mar. Tudo bem que o nome do monstro era Alemão, mas isso ele tinha que ignorar para manter a veracidade histórica. Os cantos da boca de Andressa estavam erguidos em um sorriso maravilhoso, e o sol recém-saído fez as gotinhas na pele e no cabelo dela reluzirem. — Quer dar outra volta? Testar os novos poderes, e tudo mais?

— OK— ela respondeu. — A gente pode tentar.

H. Pueyo
argiopidae@gmail.com

H. Pueyo escreve, traduz, e desenha quadrinhos de vez em quando. Nunca viveu por muito tempo em lugar algum, tá sempre cheia de coisa pra fazer, e evita sair da toca, a não ser quando o assunto é escrever.

O Leito do Rio

Glacy Machado
ftjapr@gmail.com

Glacy Machado é arquiteta e possui formação também em Letras. Escreve poemas, crônicas e contos, tendo alguns trabalhos publicados em antologias, além de um livro de contos, intitulado "A galinha que escapou da panela".

Deixe que este rio
leve essas folhas cansadas
depositadas em seu leito
pelo movimento constante do vento...

No tempo em que se dissolvem os laços
E se separam os abraços
está também o leito do rio
carregado com tuas dores...

Antes vem e cultiva tua margem
com cores
com verdades que ainda restam
porque tudo é efêmero
tudo passa, tudo se dilui
nas águas serenas do tempo...

Pensa na travessia
nessa paisagem por ti cultivada
porque nada é longe
até onde a vista possa alcançar

Faze daí o teu caminho, a tua estrada
pois de todas as cores e flores de teu jardim
restarão, no findar das horas,
o silêncio e o murmúrio do vento
carregado de sentimentos
e outras folhas despidas de vida
pálidas, sonolentas, no leito do rio....

Revelação de Capa

Sinopse*:

"A humanidade precisa de nós,
mas não nos merece".

Protetores do equilíbrio da Terra, os Magos por muitos séculos viveram camuflados na sociedade, sendo capazes de usarem seus poderes apenas para proteger a raça humana e tudo que a cerca. Porém, graças a uma trama de Melchior, presidente da Nova Ordem Inquisitorial, e com a ajuda de uma criatura de outro mundo, a humanidade descobriu a existência dos protetores da Terra ao mesmo tempo em que passou a temê-los e caçá-los.

Na luta contra a grande corporação, Helena, Oscar, Salvador, Iara e Rafael deverão encontrar o caminho para inocentar os Magos ao mesmo tempo em que enfrentam um sombrio perigo que trará ruína à Terra.

Diante disso, o pequeno grupo de Magos verá no risco de suas mortes, a extinção do próprio mundo. Tendo como fundo as terras brasileiras, farão de tudo para acabar com os planos da NOI e evitar que a perdição recaia sobre os humanos, os seres que os caçam, mas que pelos Magos devem ser protegidos.

Porém, como enfrentar um inimigo que não se pode atacar?

Capa por Mayara Barros

Previsão de Lançamento: Maio / 2019

* Sinopse sujeita a mudanças

Portão de Embarque para Lugar Nenhum

Um Boeing com destino ao JFK explodiu hoje em pleno ar. Poderia ter sido o nosso voo, mas por sorte não foi.

É a segunda vez que isso acontece desde que chegamos ao Haneda. Os mais supersticiosos veem esse tipo de acontecimento como mau agouro, presságio de novas tragédias para aqueles dentro e fora do aeroporto.

Mas nenhum de nós pensa assim. Na verdade, estamos confiantes de que seremos logo contemplados. E não se trata de uma esperança vã: temos milhas o suficiente para nos garantir. Desde que nosso grupo se formou, fizemos mais de sessenta voos, para quase trinta países diferentes. Inclusive, um dos últimos contemplados, Kohli, andou conosco por um tempo, antes de se juntar a um grupo de tibetanos e chilenos. Venceu o Sorteio de dois meses atrás e embarcou no avião preto com destino à Nova Zelândia no dia seguinte. A essa hora deve estar com outros *bon vivants*, usufruindo o conforto do único lugar do planeta ainda habitável.

Quilômetros percorridos: 5.572

Huang e Muehl foram à cidade trocar perfumes e bebidas por gift cards. É possível que aqui em Ninoy Aquino esses produtos valham ainda mais. Apesar das dificuldades, as pessoas sempre encontram conforto em uma boa garrafa de uísque.

Aproveitamos para descansar na área de embarque. Alguns passageiros se distraíam com seus celulares, enquanto outros tentavam dormir como podiam nos bancos. O check-in deste aeroporto lembra algo saído da Divina Comédia: pessoas opacas arrastando-se em filas que nunca acabam, tentando inutilmente desvendar os números e letras do painel de voo, obscuros como códigos de uma civilização perdida. A alienação se intensifica nos guichês das companhias aéreas. Nenhum funcionário é capaz de fornecer uma informação concreta que seja. Parecem escondidos em seus uniformes limpos e telas de computador.

Com os gift cards que tínhamos, compramos café e sanduíches, dois para Hsieh. A barriga dela já se destaca sob o vestido. Deve estar com três ou quatro meses talvez, mas ela não tem certeza. Disse que aguenta até Schiphol.

Depois da janta, conseguimos passagens para Azikiwe e às 16h embarcamos no Portão 12. Um grupo do leste-europeu está quase nos passando. Precisamos urgente de mais milhas.

Quilômetros percorridos: 9.103

Chegar ao Hartsfield-Jackson é sempre problemático. Salles foi parado na alfândega, ficando detido por quase sete horas.

Assim que saiu, relatou o que tinha presenciado na sala de detenção. Dezenas de pessoas aguardavam lá, muitas delas há dias, sem banho e com pouca comida. Um chinês que se perdera do seu grupo sofria de dor de dente e implorava ajuda aos guardas, que fingiam não escutá-lo.

Recarregamos nossos celulares no Átrio. Apenas pelo costume. O sinal é fraco ou inexistente como em qualquer aeroporto. Alguns dizem ser irônico que um país como os Estados Unidos tenha chegado a esse ponto. Grande bobagem. Basta olhar Hollywood. Os americanos foram os primeiros a sonhar com o Evento. Todos os filmes de catástrofe talvez tenham sido apenas isso: modelos para o que estava por vir, uma grande conjuração em massa, os estúdios de Park Avenue sendo o ambiente de teste onde tudo começou.

Perto do relógio de vidro, a réplica de um fóssil de t-rex arreganha os dentes para os passageiros. Hsieh disse que é o sorriso desdenhoso do especialista.

Quilômetros percorridos: 10.202

Conexão em El Prat. O ar condicionado está estragado e a temperatura dentro do aeroporto beira os quarenta graus. Uma equipe de funcionários trabalhou a tarde inteira para consertar o sistema, mas a chuva atrapalhou bastante. Boatos de sabotagem correm soltos, alguns chegando a clamar Boko Haram ou Jundallah, cegos ao fato de que os verdadeiros culpados estão a poucas centenas de metros daqui. Basta olhar além das portas de vidro do aeroporto para se ter o vislumbre das pessoas que habitam o estacionamento, vivendo precariamente em barracas ou sob lonas de caminhão. O que nos separam delas são os soldados e ouriços de ferro espalhados na rua. Além dos corpos

presos nos postes, um alerta aos afobados.

Como precisamos esperar até de manhã, aproveitamos para tentar algumas trocas no entorno. O problema era qual de nós se arriscaria entre os ouriços e submetralhadoras? Wilson sugeriu escavadores. Seria um gasto extra, mas pelo menos manteríamos nosso grupo intacto, além da chance de lucros. Contratamos dois, um negro e um árabe.

São três da manhã agora e nenhum deles voltou.

Quilômetros percorridos: 11.118

Acabamos de nos registrar no IntercityHotel. Estamos tensos, ainda sem acreditar no que aconteceu. Há pouco mais de uma hora, um grupo de pedestres tentou assaltar o Terminal Doméstico. Eles arremessaram pedras e bramiam facões no ar. Algo nos rostos deles nos fez lembrar histórias que todos ouvimos antes, histórias sobre contaminação. Talvez fosse apenas fome, desespero, mas ainda assim algo aterrorizante. Por sorte, os seguranças souberam lidar de maneira profissional com a situação.

Fora o susto, uma boa notícia: Hsieh deu a luz ontem. É a primeira criança nascida em nosso grupo, um menino e veio ao mundo saudável e sorridente. Comemoramos abrindo uma garrafa de Blue Label. Hsieh, fraca demais para beber, aceitou o leite de amêndoas que compramos de um Walmart.

Ela ainda não nomeou o filho. Só o fará se for sorteada. Caso não aconteça, chamará o menino apenas de 'menino' mesmo. Disse que não vale a pena pensar em nomes quando se está destinado a morrer.

Quilômetros percorridos: 11.310

Na manhã de hoje, vimos uma mulher no metrô que liga os aeroportos internacional e doméstico de Paveletsky. Ela pregava sobre o fim do mundo, sobre como as esperanças tem de ser abandonadas já que não há mais retorno. Um grupo se formou ao redor e os mais impressionados queimaram seus gift cards e se ajoelharam diante da mulher, que aparentava ter pouco mais de vinte anos. Seus cabelos longos, tingidos de roxo e desgrenhados e a abaya que usava forçavam ainda mais a aura de Milenarismo. Ninguém assustaria se uma procissão de passageiros saísse do TGI Friday´s ou Subway e eles começassem a se autoflagelar perto dos caixas eletrônicos com seus fones de ouvidos.

Curioso é que, ao nos ver, o sangue da mulher sumiu do seu rosto. Pareceu assustada e gritou 'Errantes! Errantes!', apontando com o dedo.

Viramos as costas, mas as pessoas ainda assim se acercaram de nós com admiração e desconfiança. Há uma lenda a respeito de um bando de pessoas que jamais serão contempladas no Sorteio, infelizes fadados a viajar de aeroporto a aeroporto indefinidamente, sem destino, até que o Evento se finalize por completo. Alguns chamam essas pessoas de 'sísifos', 'esquecidos' ou simplesmente 'errantes'. Essa lenda, algo como o mito do Judeu Errante dissecado por McLuhan, é apenas isso: uma lenda, fantasia inventada para preencher o vazio entre uma conexão e outra.

Mais esperto que todos, Balogun aproveitou a aglomeração e obteve uma das melhores trocas que fizemos até hoje: um velho Iphone por doze gift cards da American Airlines. Juntando com os de ontem, temos mais de sessenta e sete cartões, o que significa não precisarmos mais nos preocupar com as próximas viagens. Muehl, que tem mais milhas em nosso grupo, está confiante de que será o próximo sorteado.

Quilômetros percorridos: 16.028

Embarcamos de manhã em um velho Jet-Star. Após a decolagem, o avião sobrevoou uma praia, de onde um homem disparou três vezes em nossa direção.

A aeromoça disse que ele está sempre ali e que ninguém nunca fez nada para detê-lo.

Quilômetros percorridos: 19.730

O tempo acumulado entre voos desperta a mente para toda sorte de quimeras. Talvez sejam os aeroportos. Apesar de estarmos indo e vindo de locais diferentes, compartilhamos todos estes mesmos recintos artificiais e fora do tempo.

E são os sonhos o primeiro lugar a refletir isso.

Estávamos na praça de alimentação do Incheon tomando café. Maruyama relatou o sonho que teve na noite de ontem, sonho que ele disse estar se repetindo há quase um mês. Nele, passageiros se acomodam nos bancos reclináveis, enquanto agentes de bordo liberam animais nos corredores da aeronave, que cai desgovernada. Pânico se instaura enquanto as pessoas buscam se proteger, escondendo o rosto e as lágrimas entre os

joelhos.

Espantoso é que todos do nosso grupo tiveram sonhos parecidos. Mais espantoso ainda foi outras pessoas na praça de alimentação falarem estar sonhando com as mesmas coisas: a mesma aeronave com interior de estilo antigo, tapetes florais e poltronas de camurça; as mesmas aeromoças com uniformes da VietJet, aflitas em seus cintos de segurança... O único elemento que pareceu variar de relato a relato foi o tipo de animal solto nos corredores: uns disseram ser gansos, outros cães, javalis, até mesmo rãs. O aparecimento de uma mulher de cabelos encaracolados e ruivos também foi recorrente nos comentários. Todos se referiram com horror ao sorriso que ela exibia diante o desespero dos passageiros.

Quilômetros percorridos: 20.007

Hoje ocorreu mais um sorteio. Quando chegou a hora, todos se reuniram diante de uma banca de revistas com os celulares a postos. Cada um de nós deu seu lance, mas ficamos mesmo a torcer por Muehl, o com maiores chances de ser contemplado em nosso grupo. Acabou que um austríaco tirou a sorte maior. O sujeito correu alegre por entre as pessoas, até que alguém atirou nele pelas costas, fazendo-o tombar escada rolante abaixo, sem vida. Guardas interviram, mas não se descobriu quem foi o autor do disparo.

Refeitos do susto, Salles nos aconselhou a comprar mais ímãs e chaveiros. Temos quase uma mochila cheia deles. Junto com as bebidas e perfumes, esses penduricalhos funcionam como excelentes moedas de troca.

Seguimos às duas para a sala de embarque. O corpo do austríaco estava no mesmo lugar.

Quilômetros percorridos: 25.060

Algo atroz ocorreu.

Era fim de tarde no Heathrow. Havíamos acabado de sair do avião, quando uma bomba explodiu próximo à esteira de bagagens. Quinze pessoas morreram, incluindo Huang e Muehl.

Por causa disso, o aeroporto está então fechado para pousos e decolagens. Ninguém sabe quem foram os responsáveis, apesar de três grupos terroristas já terem assumido a autoria. Funcionários da limpeza disseram ter visto um homem de colete

de segurança refletivo entrar na área de pouso, colocar uma bolsa em um dos carros que transportam bagagem e sair. A bolsa rodou e rodou na esteira. Como ninguém a reclamou, foi deixada em um canto.

Felizmente Hsieh estava dando de mamar ao menino longe do local da explosão. Pra completar, o sorteio foi cancelado, o que tornou nossa vinda ao Heathrow uma perda de tempo. Principalmente para Muehl, que tinha grandes chances de ganhar desta vez. Pobre Muehl...

Quilômetros percorridos: 25.100

Hsieh fugiu com o bebê.

Não que tenha sido algo inesperado. Ela ficou pertubada demais com a história que ouvimos no Paveletsky. Passou dias questionando se iríamos mesmo um dia ser contemplados, se nós na verdade não seríamos mesmo os errantes. Pelo menos, foi sensata o suficiente e não levou todos gift cards. Maruyama acredita que ela foi junto com um grupo que vimos ontem.

Foi numa conexão em Oliver Tambo que encontramos com eles. Disseram que estavam indo para San Jose. Explicamos que já havíamos estado lá, que era perda de tempo, mas duvidaram de nós. E quem poderia censurá-los? Fizemos o mesmo há alguns meses. Precisávamos ver com nossos olhos que a Califórnia não existia mais, que agora tudo lá não passa de um imenso deserto. E não é apenas o Vale do Silício: Isfahan, Sahlgrenska, Sophia-Antipolis, Skolkovo, Nangang... arquiteturas abandonadas pelos absurdamente ricos. Servirão de evidência, serão nossas pirâmides de Gizé, nossas Machu Pichu e Pathernon às futuras gerações — ou a algum visitante espacial, pois provavelmente não haverá mais anfitriões..

E se a mulher do Paveletsky estiver certa? Se algum de nós for mesmo errantes, isso pode afetar todo o grupo? Nossos esforços seriam reduzidos a uma migração sem sentido entre portões de embarque, uma Cruzada desprovida de Jerusalém.

Quilômetros percorridos: 31.000

A fuga de Hsieh nos abalou. Querendo ou não, sua presença espirituosa servia de alento para muitos dentre nós. Fora o nascimento do menino ter trazido um novo ânimo para todos, a confiança de que nosso dia chegaria, de que seríamos sorteados para descansar longe de todo esse caos.

É triste que desde que ela se foi, tantos outros cogitem desistir também.

Quilômetros percorridos: 35.800

Após muito pensar, chegamos à conclusão que Hsieh era na verdade um grande peso para o nosso grupo. Seu jeito de ser, com todo aquele sarcasmo, acabava por sugar energias, desviando nosso foco do verdadeiro objetivo. Até nossas finanças melhoraram, visto não termos mais de nos preocupar com aquele bebê, que só gerava gastos e nos atrasava para os embarques.

Nossa confiança está forte como nunca. Apenas Balogun vinha dando sinais contrários. Não dará mais, agora que Huang e Wilson deram um jeito nele.

Quilômetros percorridos: 37.610

A alegria toma conta de nós!

O sentido esteve o tempo todo à nossa frente.

E não é o sorteio, a Nova Zelândia ou o que quer que eles escondam por lá. Nada dessa espera agonizante por algo que pode ou não acontecer. O que nos cabe, o nosso destino, é o constante movimento, a camaradagem do check-in. Poucos na história tiveram esse sossego que é cotidianamente saber a própria sina ao ler o cartão de embarque, de contemplar a aparência apaziguadora das mesmas lojas, dos mesmos restaurantes, as torneiras com sensor de movimento e o ruído das turbinas. O que nos cabe é a vitória humana sobre a gravidade, a álgebra da conexão, a gramática dos paineis de voo, a ergonomia das horas. Após meses de convívio e viagem, é como se as centenas de aeroportos em que estivemos se juntassem para formar um Ur-aeroporto, e para nós nada é tão magnífico. Familiar e desconhecido, provedor e tomador, gigante, humano, ubíquo; luzes de sinalização e combustível, cheio um momento e vazio no outro, a catarse de um atentado e a calmaria das nuvens, o céu, a morte e a vida, a vida nos pequenos detalhes.

Foi preciso perdermos Hsieh e seu filho, Muehl, Balogun e Huang, mas isso não importa. Cada um deles tinha seu próprio destino, e nós, o nosso. Ao contrário do que os outros pensam, não somos errantes. Seria o mesmo que dizer que somos amaldiçoados, quando na verdade é exatamente o contrário. Somos,

sim, peregrinos, viajantes que se purificam a cada voo e apertar de cintos, cada pouso e decolagem uma nova chance de aprimorarmos o conhecimento sobre nós mesmos. E tudo graças ao aeroporto. Estamos gratos e comovidos pela existência de todos eles, cientes de que nada seríamos sem seu amparo.

Seguimos unidos, nosso grupo aumentando a cada dia.

Não acumulamos mais milhas.

Acumulamos convicções.

Quilômetros percorridos: 0

Michel Peres
michel_murta@yahoo.com

Michel Peres é professor, leitor e escritor. Natural de Matozinhos (MG), é formado em História, Engenharia e possui especialização em artes. Escreveu para o site Obvious, teve poemas publicadas no site Ruído Manifesto e contos no site Leitor Cabuloso, Mitografias e nas revistas Trasgo e Somnium.

Sim, o Outono

Sigridi Borges
quadradorosa2002@yahoo.com.br

"Professora de Matemática, fascinada pelos números. Escrevo há pouco tempo mas há muito me apaixonei pelas letras. Tenho poemas publicados em revistas virtuais e antologias físicas, tanto no Brasil como em Portugal. Autora do livro 'Algarismos em sonetos', publicado pela Editora Scortecci, selo Pingo de Letra (2016). Diagramadora da Revista SerEsta. Escrever me faz viajar e transmitir o prazer pela leitura e pela escrita."

Nem os dias mais cinzentos
ou as noites mais longas
deixam o brilho da estação
apagar ou esmorecer.

Passarinhos se recolhem cedo
escondidos nos ninhos
mostram a beleza
do aconchego e do afeto
e de um novo entardecer.

Ah! O outono!
Caem as folhas das árvores
só não cai a esperança
de um novo amanhecer.

Ipês perdem suas folhas
e se preparam para as grandes floradas
a colorir os olhos
dos que se encantam pela estação.
Tão bela.

avessa

autoral, criativa e diferente

Campanha de Financiamento Coletivo

Queremos remunerar os autores que publicam conosco e para isso precisamos de sua ajuda!

http://catarse.me/revistavessa

Copyright (c) Revista Avessa